

A VIAGEM DE SAINT-HILAIRE À PROVÍNCIA DE SÃO PAULO

Mário DONATO

(A morte de Mário Donato em abril do corrente ano privou as letras brasileiras de um dos seus grandes valores. O responsável por esta publicação ocupou-se dele em artigo publicado no jornal "A Federação", de Itu, no dia 23 de maio. Nele, fez-se referência a um artigo do saudoso escritor publicado em "O Estado de S. Paulo", no dia 18 de maio de 1940, comentando a tradução que havia pouco fora publicado pela Editora Martins, da *Viagem à Província de São Paulo*, de Auguste de Saint-Hilaire. "Apreciação realmente modelar do grande livro, demonstrativa do cuidado e do critério com que Mário Donato desempenhava seu 'métier' de crítico literário". O grande e saudoso escritor foi sempre muito amigo desta publicação, razão pela qual, em sua memória aqui se transcreve o referido artigo publicado há mais de 50 anos no grande órgão da imprensa paulistana, em que Mário Donato colaborava regularmente. N. da R.).

É uma alta e fascinante aventura espiritual, a que nem sempre podem entregar-se os homens inquietos do nosso tempo, a leitura da narrativa que Auguste de Saint-Hilaire escreveu sobre o lombo dos seus burrinhos trotadores, quando viajou pela Província de São Paulo, de volta de uma excursão a Goiás, e a caminho do sul do Brasil. Os olhos perdem a memória dos "comunicados de guerra" capciosos, os ouvidos deixam de pressentir o rumor apolítico dos choques das tropas motorizadas, e a sensibilidade desaprende a comoção de saber os homens matando os homens, como há tanto tempo, como sempre.¹

É a imaginativa cria outro panorama. A visão recua no tempo. As avenidas claras e arejadas despenham-se em ladeiras abruptas, o macadame fragmenta-se em desunidos paralelepípedos. Os arranha-céus diluem-se como sombras na garoa, os lampiões crescem à beira das sarjetas e os

(1) Lembremos que o autor escrevia num dos momentos mais cruciantes da Segunda Guerra Mundial. (N. de R.)

sobradões atarracados, com varandinhas de ferro sobre a rua, se amontoam e tomam conta da provinciana Piratininga nascente.

Não se ouvem "klaxons" nem os pesados elétricos se arrastam penosamente sobre os "rails" paralelos.² Na distância não estrugem receptores de rádio e, aqui e ali, já não se surpreendem mais os trilos dos vigilantes do sono da cidade. Tudo é sombra dentro da noite que o nevoeiro encheu de algodão. E a aventura começa.

*

A 24 de setembro de 1819, transpondo o rio Grande, é que o jovem botânico Auguste de Saint-Hilaire principia a percorrer a província de São Paulo, no lombro de um bíblico burrinho, acompanhado apenas pelo criado que trouxe da sua terra e um ou outro arrieiro providencial que encontra nos pousos onde se demora. Vão-lhe no encaicho, escorrendo pelos lombos de outros burrinhos trotadores, as suas preciosas malas, onde ele acondiciona pacotinhos de ervas e pássaros preparados.³

Nada lhe escapa. O clima, a salubridade e a fertilidade das terras, a beleza dos panoramas, o tipo e a índole dos habitantes, as leis e os costumes, a história e as lendas, tudo vai anotando pacientemente, com aquela sua péssima caligrafia, culpada de tantos erros na grafia dos nomes brasileiros, na edição póstuma do seu manuscrito sobre a viagem ao Rio Grande do Sul, publicada por R. de Dreuzy, em 1887.⁴

(2) "Klaxon" significa, aqui buzina de automóvel. O nome deriva da marca de um desses acessórios. Buzina estridente, apta a chamar a atenção do mais desatento transeunte.

(3) Nascido em 1779, Saint-Hilaire contava já 40 anos quando esteve em São Paulo. Portanto, a expressão "jovem botânico" empregada por Mário Donato é pouco adequada. O grande viajante andou pelo Brasil entre 1816 e 1822. Quase dez anos depois (1831) começou a publicar seus preciosos relatos de viagem. O volume em que se insere a parte relativa a São Paulo, objeto deste comentário, só foi publicado em 1851

(4) Saint-Hilaire, de fato, deixou inédita a última parte de seus relatos de viagem, referente ao Rio Grande do Sul e Província Cisplatina (na época pertencente ao Brasil) e contendo, ainda, o relato de uma segunda viagem empreendida a São Paulo, quase às vésperas de sua partida para a Europa. Esse volume só veio a ser publicado em 1887, mais de 30 anos após o falecimento do autor. As grafias erradas de topônimos brasileiros só ocorrem nessa parte de seus relatos e provavelmente sejam mesmo decorrência de sua má letra, que o editor, nada sabendo de português, não teve condições de decifrar. Nos volumes publicados em vida do autor, tais erros raramente aparecem. Saint-Hilaire conheceu bem nossa língua e foi sempre muito cuidadoso na grafia dos nomes de localidades. A primeira tradução integral deste volume póstumo só apareceu em 1987 (Porto Alegre, Martins), - precisamente um século após sua publicação em França! -, em tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. A tradução anterior, de Leonam de Azevedo Pena, com três edições, não é completa, pois omite os capítulos relativos à Província Cisplatina. E os capítulos referentes à "segunda viagem" a São Paulo foram traduzidos primeiramente por Afonso de Taunay (1932) e, posteriormente, por Vivaldi Moreira (1974).

A 20 de outubro do mesmo ano, entra na cidade de São Paulo, "incontestavelmente a mais bela de todas por mim visitadas desde que estava no Brasil", diz ele. Aqui permanece, observando e anotando tudo que vê. Lança-se pela história da Província, desde a sua fundação pelos jesuítas. Decompõe a população em classes. Conta as casas. Localiza a posição da cidade. Aprecia os seus panoramas como poeta. Descreve as ruas, as praças, as casas, os mobiliários, as igrejas, os conventos e os próprios oficiais. Nada lhe escapa. É o comércio e os comerciantes, o temperamento dos paulistas e os seus incipientes problemas sociais, como a prostituição e o artesanato. E até a pronúncia, ele, que é francês, repara e anota com infinitas precauções. Mas porque continua na cidade, onde o recebe o capitão-general João Carlos Augusto d'Oyenhausen, desenvolve mais ainda suas observações sobre o que é São Paulo. Conta-nos o que era um "jantar oficial", um espetáculo de gala e o trato da família bandeirante. Depois segue com destino a Santos, e ainda estuda, pelo caminho, apeando do seu burrinho e correndo, com o seu bom criado Laruotte, para apanhar espécies de plantas desconhecidas, ou caçar, com o mal-humorado José Mariano.

De Santos, volta a São Paulo e, a 9 de dezembro de 1819, parte em demanda do Rio Grande do Sul, começando por visitar Itu, Porto Feliz e Sorocaba. Prendem-lhe a atenção todas as coisas que avista. É a natureza, os homens, os costumes. E anota. Visita Ipanema, cuja história não se esquece de contar. Daí, segue para a então vila de Itapetininga, cujos campos pesquisa demoradamente. Chega até os Campos Gerais. Conta a história dos campos de Guarapuava, onde, em 1812, o abade Chagas principiara a sua missão de ministrar instrução aos indígenas embrutecidos pelo vício. Visita a então vila de Itapeva e, a 25 de janeiro de 1820, chega até a aldeia de Itararé, onde termina a sua caminhada dentro da Província de São Paulo.⁵

*

Dos mais ricos e abundante é o material que os estudiosos poderão colher nessa obra de Saint-Hilaire, *Viagem à Província de São Paulo*, que o sr. Rubens Borba de Moraes traduziu e prefaciou para a Livra-

(5) Cumpre observar que na época da viagem de Saint-Hilaire, o atual Paraná fazia parte de São Paulo, pois só em 1853 emancipou-se. É portanto inexplicável que Rubens Borba de Moraes tenha detido sua tradução em Itararé, deixando de fora a parte relativa à então chamada "Quinta Comarca".

ria Martins, cujas cuidadas edições vêm merecendo o justo elogio de quantos acompanham o desenvolvimento do nosso mercado de livros.⁶

Os curiosos como nós, no entanto, não ficam à margem nem deixam de ser regiamente recompensados pela leitura atenta que fizeram dessa pitoresca narrativa. As afirmações de Saint-Hilaire, nem sempre certas, se perdoam com as suas apreciações nem sempre justas, mas que nos favorecem. Isso não passou despercebido ao sr. Rubens Borba de Moraes, tradutor da obra, que, no prefácio, ressalta a simpatia e o desejo de compreensão que revestiam o escrupuloso viajante, ao enfrentar a gente que vivia espalhada pelas terras despovoadas do Brasil de D. João VI. Saint-Hilaire, às vezes, não compreende as coisas inexplicáveis que se lhe deparam na terra exótica. E deixa, então, de julgá-las. Mas se as julga, o faz com benevolência e profundo espírito humanitário, procurando desculpas que lhe fornecem a história dos colonizadores e as necessidades dessa época ingente de transformação do país colonial.

Não se plantam diante da sua compreensão somente os grandes primeiros planos das coisas ou dos acontecimentos. Atenta, sincera e curiosamente, tanto nos lances épicos dos paulistas que se embrenhavam pelas selvas como uma "raça de gigantes", para prear o índio arisco, segundo os relatos históricos, como no excesso dos "bichos de pé" que devoravam os habitantes do lugarejo de Rio das Pedras, um dos primeiros pousos da sua viagem ao entrar na Província.

Tudo que vê, anota. Assim, a cidade de Franca, por onde ele passou em 1819, não foi esquecida quando escreveu o seu livro, já em sua terra natal. E ali está, na "Viagem", que em 1838, um indivíduo de nome Anselmo Ferreira de Barcelos chefou uma revolta; as atrocidades sobrevieram, as pessoas de bem fugiram, e o crime triunfou. Como andava bem informado das coisas do Brasil! Em 1840 - anota, ainda - na Assembléia Legislativa Provincial, o presidente Manuel Machado Nunes lamentava as penosas dificuldades em que se encontrava a autoridade pública para manter a ordem nos lugares afastados como aquela cidade, onde os magistrados não puniam os criminosos por medo de serem as suas próximas vítimas!

De vez em quando, lá aparece a figura pitoresca e ranzinza de José Mariano, que Saint-Hilaire empregava como caçador e preparador dos seus pássaros. É o caso da picada de cascável de que esse serviçal foi vítima,

(6) O volume integrava a preciosa coleção denominada "Biblioteca Histórica Brasileira", na qual mais de vinte volumes foram publicados entre 1940 e 1952, quase todos constituídos de preciosos relatos de viajantes estrangeiros que andaram pelo Brasil: Rugendas, Debret, Kidder, Burmeister, Luccock, entre outros.

e que o viajante jamais conseguiu saber se fora verdade, pois o doente não morreu e afirmava que estava “curado” por um “benzedor” qualquer...

Mais adiante, quando passa pela Fazenda “Paciência”, preocupa-se novamente com os “bichos de pé” e, em Batatais, com os amuletos que os homens e as mulheres traziam pendurados ao pescoço, a fim de preservar-se do “mau olhado”...

Interessantíssimo é o seu diálogo com um bando de ciganos que encontrou em Urussanga. Em tom de brincadeira, Saint-Hilaire falou a um deles da pouca probidade de que é acusada a raça cigana. “Eu engano tanto quanto posso - respondeu-lhe o homem - mas todos os que comigo negociam fazem o mesmo. A única diferença que existe entre nós é que eles dão altos gritos quando se vêem embrulhados, ao passo que se me embrulham, nada digo a ninguém!”.

Depois da batalha de Iena, conta ele, o governo português, querendo estabelecer em Lisboa uma fábrica de armas, especialmente de fuzis, contratou operários da manufatura real de Spandau, que então estavam desocupados. Quando D. João VI se instalou no Brasil, esses operários também vieram para o país, permanecendo alguns anos no Rio de Janeiro, quase sem nada fazer, e, por fim, foram encaminhados para São Paulo, onde se encontravam há cerca de três anos quando por aqui passou Saint-Hilaire. Nesse tempo, produziam seiscentos fuzis com ferro de Ipanema e as coronhas com “Pau d’alho”. Eram em número de dez os mestres alemães, e sessenta os operários nacionais. Saint-Hilaire, num rasgado elogio à capacidade dos paulistas para o artesanato, anotou que a maioria daqueles mestres já se encontrava praticamente inutilizada, - pois eles ganhavam muito e a “cachaça” era barata - cabendo as honras dos serviços aos aprendizes, fiada nos quais, logo depois, a administração pôde dispensar o trabalho de estrangeiros.

Mas logo adiante, não quis deixar de registrar que “em nenhum país os artífices sejam tão preguiçosos e tão pouco exatos no cumprimento dos seus tratos e no desempenho dos mesmos com honestidade, como em São Paulo”. Não que fossem pouco inteligentes: os que precisavam trabalhar para viver, com pouco viviam. O vestuário era baratíssimo, a alimentação pouco mais do que de graça, não conheciam o uso de móveis e não tinham, mesmo, verdadeiras camas. Acresce que, por alguns vinténs, podiam tomar enormes carraspanas!

Aliás, mais para diante, Saint-Hilaire teve que entrar em contacto direto com os artífices paulistanos. Foi quando, em São Paulo, procurou mandar fazer algumas malas para os seus pacotinhos de ervas e

pássaros preparados. Nas lojas não havia coisa que servisse. Encomendou-as a um marceneiro que, mediante dinheiro adiantado, prometeu entregá-las dali a duas semanas. Foi preciso, alguns dias mais, ameaçá-lo de prisão para que continuasse a trabalhar. Não adiantou a ameaça. Apareceu o homem, no outro dia, comunicando que não possuía madeira... Assim, quando se procurava obter qualquer coisa em São Paulo, de pouco valia o dinheiro. Era mister fornecer couro ao correiro, linha ao alfaiate, madeira ao marceneiro. "Uma pessoa de destaque estabelecida em São Paulo, informa Saint-Hilaire, é quem lhe explicou como agia quando precisava de um par de sapatos: encomendava-os a vários sapateiros ao mesmo tempo, pois sempre havia alguma probabilidade de encontrar, entre eles, algum que se resignasse a cumprir a incumbência, premido pela falta de dinheiro.

Não havia em São Paulo uma classe de homens dedicados a produzir com constância artefatos para o consumo interno. O indivíduo que fosse senhor de um ofício qualquer, não produzia com continuidade. Não capitalizava e não se preocupava com o dia de amanhã. O nível extremamente baixo da vida paulistana permitia-lhe vegetar no isolamento do planalto, onde não existia o regime de trocas com o exterior, estado de coisas esse que somente teve paradeiro quando foi possível estender até o porto de Santos as possibilidades dos paulistas.

Saint-Hilaire, todavia, observando com os olhos claros do entendimento as habilidades dos paulistas, e ainda considerando a situação geográfica do planalto, não hesitou em afirmar que, quando o Brasil chegasse ao ponto de possuir uma indústria, seria São Paulo o centro mais propício para a sua instalação. E não se enganou Saint-Hilaire!

*

À primeira tradução da **Viagem à Província de São Paulo segue-se o Resumo das viagens ao interior do Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai**. Fonte de informações seguras para os estudiosos da nossa história, manancial farto para os sociólogos, para os que se interessam pelos problemas vitais do país, e que tiveram a sua origem nos primeiros dias da formação do país, e mesmo para a curiosidade sempre insatisfeita dos que se entregam a aventuras espirituais pelos livros de viagens, a narrativa de Saint-Hilaire a todos oferece uma infinita variedade de atrativos. É a ele que

pertence a primazia da síntese da história de São Paulo; é ainda neste seu livro que se encontram as vigas mestras da arquitetura da nossa formação como povoadores do altiplano da Serra do Mar.

O sr. Rubens Borba de Moraes soube desenvolver, no prefácio com que apresenta o livro, interessantes considerações sobre o isolamento dos paulistas, abeberando-se nos informes deixados por Saint-Hilaire.

Os navegadores que desciam a costa tocavam os grandes portos, nas cidades ricas, de comércio próspero, como Pernambuco, Bahia e Rio. Mas passavam ao largo do insignificante porto de Santos, que não possuía riqueza própria e não carregava, por causa da intransponibilidade da serra, a produção que o "hinterland", por sua vez, não possuía senão para o seu consumo interno, e justamente pela mesma razão. Empoleirado no alto da Serra, já nos primeiros anos São Paulo deu as costas ao mar. Piratininga vivia só, enquanto o resto do Brasil recebia as ordens e a civilização da metrópole portuguesa. Isolados, bastando-se a si próprios, desconhecendo outras vontades que não as suas, por pouco que os paulistas não elegeram um rei, o espanhol Amador Bueno da Ribeira, quando o Duque de Bragança foi proclamado soberano de Portugal sob o nome de D. João IV, e os portugueses readquiriram a sua nacionalidade, libertando-se do jugo espanhol. E embora quisesse aclamar rei a um espanhol como Amador Bueno, não os levava a isso o amor ou a obediência às cortes de Espanha, mas sim o desejo de se verem livres quanto antes da dominação européia. O tumulto facilitava-lhes extraordinariamente os planos. E só à ligeireza das suas pernas é que o ponderado Amador Bueno deveu não ser esfolado vivo pelos ardorosos paulistanos, que precisavam de um rei exclusivamente seu, embora no resto do país já tivesse sido aclamado o nome de D. João IV, rei de Portugal e colônias.⁷

Esse desapego do paulista pelo mar, para onde poderia carrear o que produzisse, promovendo o regime de trocas com os navegadores, levou-o a descuidar a agricultura que somente explorava na medida das necessidades do consumo interno, e ainda a internar-se pelos sertões, onde a sua bravura e impiedade faziam lucro fácil da caçada ao gentio ou da busca dos "El-Dorados".

(7) Houve, aqui, um lapso de Mário Donato: Amador Bueno da Ribeira não era espanhol. Era paulistano, filho de um espanhol e uma índia. De fato, sua aclamação para "rei de São Paulo" representou forte manifestação do grupo espanhol que não se dispôs a aceitar a emancipação de Portugal.

A Saint-Hilaire só escapou a observação de que ao espírito de aventura dos paulistas é que deve o Brasil a sua expansão.⁸ E também não compreendeu, como ainda reprovou, a justificativa da falta de braços, que sempre se apresenta para as arrasantes incursões dos paulistas pelos sertões de todo o Brasil...

A indústria brasileira, cuja instalação Saint-Hilaire vaticinava mais propícia em São Paulo, supriu o braço escravo nas lavouras nascentes, quando a civilização paulista se ligou ao mar, através da Serra. Daí, diz o sr. Rubens Borba de Moraes, "a curva do progresso paulista acompanha a curva do tráfego da estrada de ferro. A riqueza veio com a locomotiva entre o planalto e o mar".

O jovem botânico falhou muitas vezes quando observou e julgou, e algumas outras vezes quando predisse ou tentou, apressadamente, condenar. Redime-o dessas falhas inevitáveis, no entanto, a transcendência da obra que realizou, historiando e documentando, com zelos desvanecedores para nós, as condições da Província de São Paulo nas vésperas da independência do Brasil.

Não tripudiando sobre tais falhas e erros, perdoáveis numa obra do porte da *Viagem à Província de São Paulo*, Auguste de Saint-Hilaire merece que lhe reconheçamos, ainda hoje, depois de quase um século,⁹ a fidelidade e a simpatia com que observou a nossa terra e a nossa gente, o que muitos nacionais deixaram de fazer, quiça por desleixo, e outros estrangeiros, como ele, não o fizeram, decerto por má vontade, quando daqui não saíram dizendo "cobras e lagartos" do que nos é mais caro.

(8) Não foi muito feliz este conceito de Mário Donato, segundo o qual escapou a Saint-Hilaire a observação de que ao espírito de aventura dos paulistas ficou devendo o Brasil a sua expansão. Uma leitura atenta do resumo histórico que antecede o relato da viagem, pelos numerosos exemplos que cita, referentes à expansão paulista, leva-nos a considerar de maneira diferente o problema levantado pelo comentarista. Uma só frase basta: "... e foi assim que os paulistas começaram a povoar o interior das terras, incorporando à monarquia portuguesa regiões mais vastas do que muitos impérios" (p. 35).

(9) Atente-se que este artigo foi publicado em 1940, sobre um livro por sua vez publicado em 1851. Daí se entender a expressão "depois de quase um século".